

# CRIAÇÃO E IMAGEM NO ROMANCE DE RICARDO GUILHERME DICKE<sup>1</sup>

Gilvone Furtado Miguel<sup>2</sup>

**RESUMO:** O estudo está centrado na análise da presença do mito, com base no simbolismo, nas imagens simbólicas e nos motivos arquetípicos, e busca o modo como o processo de mitologização é realizado no discurso dos textos da história de Mato Grosso e no discurso dos romances do escritor mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke. Esse imaginário está localizado nos discursos acerca da região do Estado de Mato Grosso, ao longo da sua história social e literária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginário simbólico, Mato Grosso, Ricardo Guilherme Dicke.

**ABSTRACT:** This study is centered on the analysis of the presence of the myth, based on symbolism, on symbolic images and on archetypal motives. It examines the way in which the process of mythology is carried out through the discourse of texts on the history of Mato Grosso and in the discourse of romances authored by Ricardo Guilherme Dicke. This imaginary is located in the discourses about the region of the state of Mato Grosso, through its social and literary histories.

**KEY-WORDS:** Imaginary symbolic, Mato Grosso, Ricardo Guilherme Dicke.

---

1 Este trabalho é resultado parcial do Projeto de Pesquisa “Atlas do romance em Mato Grosso”, ainda em desenvolvimento, registrado sob o número 167/CAP/PROPG/UFMT, que conta com o apoio do CNPq e da FAPEMAT, mantendo alunos no PIBIC.

2 Docente do Curso de Graduação em Letras/ICHS/Pontal do Araguaia e do Mestrado em Estudos de Linguagem/IL da Universidade Federal de Mato Grosso. gilvone.fm@ibest.com.br

*Vagamos em coisas que ninguém sabe,  
coisas ermas, perdidas da razão, coisas  
onde entram encantos, velhices, feitiçarias  
e esquecimentos...*

R. G. Dicke

A realização deste estudo é resultado parcial do projeto de pesquisa em desenvolvimento que me propiciou percorrer a literatura produzida ao longo da história do Estado de Mato Grosso. As produções romanescas, especialmente aparecidas no século XX, passaram por um primeiro crivo da observação seletiva segundo os parâmetros da linha de pesquisa adotada – literatura, história e imaginário. Assim o material narrativo, segundo critérios de valor artístico para o estudo e pela intensividade do conjunto das obras, ganha destaque com o romancista Ricardo Guilherme Dicke.

O campo da pesquisa, nessa abordagem, se restringe no sentido de buscar os rastros da história que marcam o imaginário das produções e o modo da narrativa regionalista peculiar de R. G. Dicke. A literatura me levou à história em busca da construção imaginária dos traços identitários regionais que fundamentam a presença da região nos romances de Ricardo Guilherme Dicke.

Neste trajeto, lido com o imaginário nos discursos literários mato-grossenses sob dois prismas: na história, lido com acontecimentos que deixaram registro e envolveram sujeitos concretos que, ao participarem da construção do lugar, sofreram padecimentos, viveram sonhos e experimentaram desilusões; na literatura, lido com a ficção produzida pela imaginação criadora em narrativas, cujos conteúdos temáticos são sutilmente enredados com a história local, mas que ultrapassam as fronteiras do regional alçando a produção literária no cenário temático universal. Para a pesquisa da história utilizo, como referências, as fontes primeiras da historiografia regional, cujos textos são, ao mesmo tempo, tanto as primícias da literatura quanto os primeiros documentos oficiais da história do Estado. Para o *corpus* da análise literária, selecionei os sete romances publicados de R. G. Dicke: *Deus de Caim* (1968), *Caieira* (1978), *Madona dos páramos* (1982), *Último horizonte* (1988), *Cerimônias do esquecimento* (1995), *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000a), *O salário dos poetas* (2000b).

O imaginário presente no discurso da história permanece na ficção dickeana, cujo imaginário ficcional, por sua vez, renova as imagens míticas que subjazem no discurso histórico. O foco recai na permanente presença dos arquétipos do imaginário que, no âmbito da história regional, são particularizados em Mato Grosso e estão reconfigurados nos discursos da história e da literatura. Esses arquétipos estão em dois grandes eixos da representação simbólica: do espaço (e da busca pela terra), enquanto Paraíso Terreal, e do homem mato-grossense, configurado como valente e destemido. Entender a complexidade da construção narrativa ficcional dickeana exige buscar as implicações e a permanência do mito no discurso da história de Mato Grosso. Por outro lado, a recorrência dos arquétipos humanos se faz perceptível enquanto elemento estratégico do processo da mitologização romanesca de R. G. Dicke. Os seus personagens, para além da representação típica regional, esbanjam a pregnância simbólica das figuras míticas ancestrais. E, com esses procedimentos criativos, a produção dickeana extrapola as fronteiras regionais.

Diante da proposta de que a história literária de Mato Grosso tem, na produção romanesca de Ricardo Guilherme Dicke, a construção imagética identitária da região, o desafio que me proponho é o de buscar, nessa produção específica, os sentidos das obras e dos processos da imaginação criadora que os articulam, tanto da perspectiva regional, quanto da universalidade mítica.

A busca pelo sentido permanece durante todo o processo de leitura, revelando-se a mola impulsionadora das relações hermenêuticas. Os textos literários em questão se tornam reveladores do universo antropológico-cultural que dá forma ao pensamento e ao sentimento do homem, que determina o preenchimento do seu mundo fantástico, que faz emergirem sonhos das vivências interiorizadas. Define-se, assim, o caráter de uma universalidade da literatura pela sua capacidade de projetar o homem total, ser cósmico, ao mesmo tempo em que o particulariza diante do outro, nas fronteiras da alteridade postas nas relações com o outro, na dimensão social.

Esse apontamento, no entanto, não quer conduzir o enfoque à rigidez da interpretação da escritura como único vínculo da unidade entre criação literária ou ficção e dicção de um mundo. Essa unidade se realiza, com nuances emotivas, pelo contato leitor/obra no decifrar de cada modo de fabulação exercitado na atividade artística que articula o universal e o singular. Tal articulação permite ver o trânsito pelos caminhos que cruzam a literatura e a vida histórica pela via do mito. As encruzilhadas míticas fazem ressoar vozes de diferentes culturas, fundadas em tempos igualmente diferentes, mas que ecoam nas mentalidades dos personagens que estão impregnadas pelo imaginário mítico, revelador das raízes mitológicas presentes na história social e na cultura local.

A literatura é portadora de mensagens universais que abrangem a condição humana e, assim, desvelam o homem e desvendam a alma coletiva. O homem é, na linguagem literária, representado pelas imagens, pois a imaginação é “[...] uma potência maior da natureza humana” (BACHELARD, 2000, p. 18) e, especialmente, lidam com ela o poeta e o ficcionista. No universo do discurso literário, as imagens simbolizadoras do homem no mundo são frutos da imaginação como “[...] dinamismo organizador”, como “[...] potência dinâmica” (DURAND, 1997, p. 30). A imaginação criadora do poeta é uma atividade autônoma e, por isso, segundo Bachelard (2000, p. 180), “[...] não se trata de examinar homens, mas de examinar imagens”. A concepção da imaginação é, portanto, simbólica, é “[...] uma concepção que postula o semantismo das imagens” (DURAND, 1997, p. 59), sendo o imaginário o conjunto das imagens simbólicas.

A literatura dickeana vai ao âmago da alma coletiva para desvendá-la na representação simbólica das imagens; ora revela, ora encobre os conteúdos de suas profundezas, pois cada indivíduo carrega, para além da consciência individual, uma consciência coletiva que repousa em imagens gerais – os arquétipos – que determinam inconscientemente o pensamento. Esses arquétipos são presentes na estrutura dos mitos. As relações da literatura com os mitos têm data antiga; explica Ana Maria Lisboa de Mello (2003, p. 11) que os escritores buscam a mitologia “[...] para expor as ideias

que compõem o imaginário coletivo e repropor novas possibilidades de ser no mundo”. De acordo com Nortroph Frye (2000, p. 41), as relações da mitologia com a literatura não se confinam nas relações de correspondência estrutural, mas a “[...] mitologia, como estrutura total [...] é a matriz da literatura”, na extensão inteira de sua expressividade verbal.

Sob qualquer uma das manifestações – individual ou coletiva –, há a presença do homem no centro do literário. Reconhecer isso é conjugar na ciência da literatura a ciência do homem, ou seja, a antropologia tem seu lugar na investigação literária. A literatura se põe enquanto imaginação total do homem no universo, não lhe sendo estranho nada do que é humano, nem do que é histórico.

Para mapear o trânsito das imagens simbólicas pelos movimentos históricos e pela literatura regional, conquanto sejam manifestações culturais, vamos romper as fronteiras das áreas conceituais das ciências sociais.

Cartografar a produção literária de um determinado espaço/tempo/região permite identificar o imaginário mítico na história sociopolítico-cultural do local, bem como permite reconhecer e situar na literatura o imaginário mítico-cultural que mobilizou a história – é a explicitação da contiguidade entre história e literatura e cultura pelas vias do imaginário. Segundo Durand (1996, p. 196), não existe História (com maiúscula) que possa ser considerada puramente objetiva, pois “[...] toda a narrativa, incluindo a histórica, inscreve-se num contexto imaginário específico”. Durand (1996, p. 196) insere a história numa rede intertextual dos imaginários, “[...] dos estilos de época, das ideologias, dos mitos privilegiados deste ou daquele momento cultural”, complementando que há um mesmo nó interligando “[...] a tecedura do imaginário humano que faz com que todos os homens, *semper et ubique*, se compreendam”. A História, enquanto narrativa, se entrelaça com o mito, também enquanto narrativa; isso permite desvelar, nas narrativas históricas, uma infraestrutura calcada em bases míticas que se estruturam arquetipicamente, revelando o *leitmotiv* mitológico orientador da constituição do imaginário histórico.

Assim, no seio da narrativa histórica, encontra-se um repertório de imagens que transcendem a realidade imediata dos fatos, eventos e vultos, trazendo à tona a dinâmica do símbolo e da capacidade (mítica) da simbolização. As significações latentes advirão com uma antropologia profunda que, nas palavras de G. Durand (1982, p. 66), “[...] é uma leitura real do comportamento humano por detrás de todos os avatares e acidentes das localizações geográficas, culturais e históricas”. Logo, por detrás da linguagem narrativa da história ou do romance – da ficção –, a relação do mito e do arquétipo é buscada nas estruturas latentes das constelações de imagens, donde surgem os traços dos mitos coletivos e individuais que permitem a configuração de uma identidade coletiva do homem e do espaço, determinados num território específico: a região mato-grossense.

As dificuldades geográficas de acesso e penetração nas terras mato-grossenses impuseram um ritmo lento ao desenvolvimento do Estado. Ainda hoje, a imagem mais marcante na representação do Estado de Mato Grosso é aquela que associa as suas terras, em extensão e fertilidade, à imagem mítica da Terra Prometida. Esse imaginário em torno das terras da Amazônia e, em particular, das de Mato Grosso, foi reproduzido e alimentado, política e socialmente, como um Eldorado, expressão do sonho de uma terra mais generosa e rica, alhures. Objeto de manifestação simbólica utilizado nas propagandas pelas políticas de colonização e ocupação do Centro-Oeste e da Amazônia, promovidas pelos governos militares, nas décadas de 60 e 70, esse imaginário tornou-se instrumento da mobilização histórico-social na região.

O propósito da interpretação da imagem regional coloca no centro dos estudos a construção simbólica da região como objeto da pesquisa. A leitura das narrativas romanescas do mato-grossense Ricardo Guilherme Dicke, concomitantemente à revisitação das primeiras narrativas dos viajantes, dos cronistas e das interpretações dos historiadores e outros estudos, possibilita, no procedimento do trânsito estabelecido, desvelar os conteúdos simbólicos subjacentes às imagens literárias que são conteúdos significativos na construção de uma identidade regional que se afirma. Numa perspectiva regionalista que integra

a reflexão crítica sobre a condição periférica da região, a análise dos mitos perenizados na cultura local permite fazer a articulação entre tradição/passado e a modernidade atual. As (re)construções míticas literárias são estudadas como fornecedoras do material de elaboração da identidade regional do espaço e do homem mato-grossenses.

Os pilares da construção e da atualização dos mitos estão alicerçados nas produções dos viajantes e dos cronistas, na literatura, no discurso político e nas narrativas históricas – materiais díspares que, na convergência das hermenêuticas, visualizam a sedimentação das estruturas míticas, sua sobrevivência, permanência e redundância simbólica. É sobre a matriz mítica, que define o espaço e o homem mato-grossenses, que se constrói o discurso ideológico dos políticos e a narrativa imaginária da literatura romanesca mato-grossense no *corpus* desta pesquisa. Ao mesmo tempo, fixa, neste processo de atualização do mito, uma representação da região e da identidade regional, cujas faces mais visíveis são as que associam o espaço à visão mítica do Paraíso Terreal e à imagem do sertão e, ao homem, dá o perfil da valentia num ambiente de violência. O percurso teórico-crítico, já percorrido, esboça o terreno da discussão e análise em que os estudos da literatura dickeana vão transitar.

Ricardo Guilherme Dicke é o escritor selecionado como representante singular desse contexto regional. Contudo é preciso ressaltar que Dicke não é o escritor regionalista que possa ser estudado nos moldes e caracteres canonizados pelo regionalismo da literatura brasileira até os anos de 1950, pois o espaço regional, em sua obra, não desliza no deleite da exaltação à natureza e nem na descrição redentora de uma cultura passadista. Tampouco o seu personagem é enquadrado no atraso irônico do caipira lobatiano, nem no sertanejo heróico do sertanismo do final do século XIX. A linguagem de sua produção romanesca oferece elementos e processos de criação re-veladores do pensamento cultural local que, assentado em estruturas de um imaginário mítico, articula a literatura com os processos históricos de constituição desse imaginário. A construção de seus personagens não privilegia o herói nacional; o personagem regional é um ser da coletividade universal.

A sua literatura desvela os valores locais, sem ser bairrista, num processo de construção e reconstrução da história e da cultura regionais, fazendo preencher de significados simbólicos o cotidiano da vida nesse espaço/região. O seu modo de ser regionalista ultrapassa os limites do primeiro momento do regionalismo brasileiro, pois não sendo nem pictórico, nem caricato, nem exótico, Dicke alcança a universalidade do homem, trabalhando os dramas do homem mato-grossense que são os dramas da humanidade, num espaço local redimensionado ficcionalmente.

Ricardo Guilherme Dicke produziu desde a década de 1960 até 2008. A sua poética narrativa prima pela densidade da linguagem, pelo fluxo contínuo e intenso da estruturação dos textos e pela vasta intertextualidade com outras culturas e filosofias várias, caracterizando um estilo distante e, ao mesmo tempo, imerso no local. Essa imersão, que impregna o seu escopo literário, faz dele um ícone do regional mato-grossense, sendo inovador no conteúdo e experimentalista na forma, e o coloca na posição de representante da expressão regional. A historiografia literária em Mato Grosso está reconhecendo um novo padrão literário criado por ele e estabelecido a partir dele na regionalidade cultural. Para além da qualidade estética, os estudos desta pesquisa vão perquirindo a imagem da região que se constrói por intermédio da sua ficção narrativa, bem como esquadrinha a eficácia simbólica desta imagem na constituição da identidade regional. Assim, o escritor da região e o intelectual local têm um papel determinante no trabalho de diferenciação do regional, de composição da alteridade diante da unidade e na ruptura dos estigmas do isolamento e do desconhecimento que, simbolicamente, enclausuram os espaços chamados periféricos em relação aos centros culturais do país.

Dicke não é um escritor regionalista na concepção restritiva ou depreciativa que o termo já agregou em si em vários contextos. É, contudo, regionalista no sentido de que é o representante da literatura produzida no Estado de Mato Grosso, por sua grande produção narrativa de intensos conteúdos e de estética singular; nascido aqui, não deixou

de viver e conhecer melhor<sup>3</sup> o seu espaço; privilegiando a identificação dos cenários nos seus romances com o local mato-grossense, traz para o bojo de seus enredos a constituição mítica do imaginário manifestado no cotidiano de seus personagens. É regionalista porque permite perceber, em suas criações romanescas, a reconfiguração da força mítica que mobilizou a história de ocupação e desenvolvimento do Estado, entrelaçando ficção e realidade histórica. O seu processo criativo é altamente simbólico da região. O seu objetivo não é (re)escrever a história local e nem descrever a paisagem ou o típico habitante local, mas ele os alcança – a história e o tipo – nos processos de simbolização do homem real inserido no seu tempo e no seu espaço. A constituição mitologizante da produção dickeana dialoga com os escritos dos viajantes, dos cronistas e dos memorialistas, com a literatura anterior, com a fala dos políticos e com a narrativa histórica, donde erigem os pilares da construção do *mito do paraíso* e do *mito da valentia*. Constroem-se as dualidades do sertão, renovando as matrizes míticas ressonantes na regionalidade mato-grossense calcada nas dimensões mítica, ideológica e imaginária.

Nas reatualizações míticas, subjacentes às suas narrativas, o espaço do sertão não é tratado pelos parâmetros da história, ou seja, como um espaço a ser conquistado pela viabilidade econômica, enquanto estratégia para vencer o atraso da região. Mas, o (re)dimensionamento mitologizante esmerado de Dicke transforma o sertão em espaço do mistério e do reencontro com o homem interior, espiritual que tem enraizamentos em forças ancestrais; o sertão dickeano é criado pelo poder da linguagem literária. As fronteiras visíveis e demarcáveis, estabelecidas na tradição dos estudos sobre a região, que delimitam o espaço do civilizado e do atrasado, são diluídas no processo de criação ficcional de Dicke: no sertão se transita entre o visível e o invisível, entre o conhecido e o mistério, entre o real e o fantástico.

---

3 De sua obra, destacam-se: *Dents de Caïm* – Prêmio Walmap/1968; *Caieira* – Prêmio Remington Prosa/1978; *Madona dos Paramos* – Prêmio Ficção de Brasília da Fundação Cultural do Distrito Federal/1982; *O último horizonte*/1988; *A chave do abismo*/1989 (poesia); *Cerimônias do esquecimento* – Prêmio Orígenes Lessa da Academia Brasileira de Letras/1995; *O salário dos poetas*/2000b; *Rio abaixo dos vaqueiros*/2000a; e *Conjunctio Oppositorum no Grande Sertão*/1999 (crítica).

As vias deste trânsito, que rompem fronteiras, são as do imaginário mítico integrante do imaginário histórico-cultural da região de Mato Grosso. A hermenêutica empreendida é a da reinterpretação da cultura literária e dos seus rastros históricos fundados em estruturas míticas representadas nos romances dickeanos. A construção do sentido das obras literárias selecionadas edifica-se na captação da imaginação simbólico-arquetípica que recobre as significações fundamentais no discurso literário. Vem, pois, se constituir numa hermenêutica criadora, no sentido de que, ao mesmo tempo, interpreta e elabora o discurso de representação regional, rompendo, contudo, as fronteiras localistas para alcançar o patamar da literatura universal.

A leitura dos romances de R. G. Dicke nos instiga uma curiosidade que, ao mesmo tempo nos interroga e também nos cobra a interpretação dos conteúdos simbólicos. O espírito investigativo se instala, e percebemos as imagens que, recorrentes, estão prenhes de significados simbólicos e exigem que extrapolemos os limites estritamente literários para buscar, na dimensão histórico-cultural, as bases geradoras do imaginário ficcional. O entrelaçamento dos ideários veiculados nas imagens matrizes pode ser iluminado. O discurso da história registra, a ficção (re)cria, mas o gene é o mesmo e coincidente mito ancestral.

A busca nos leva a enveredar pelo mundo dos mitos, dos personagens lendários e proféticos e pelas grandes e exemplares ações da humanidade. Neste caminhar por textos diversos, reconhecemos a expressão do desejo do homem por realizações; desejo marcado pela busca por um lugar especial onde ele possa se realizar plenamente como ser. Nas narrativas dickeanas esta busca adquire duplo aspecto: é a busca por um espaço e é a busca por si mesmo, quando o homem se depara com a angústia de ter perdido os laços com o divino.

O espaço e o ser, ambos se vinculam naturalmente a uma terceira categoria nesse contexto literário: o tempo. O espaço não se localiza apenas numa geografia física e/ou imaginária, mas também numa dimensão temporal e histórica; o homem, personagem, embora conformado no perfil dos arquétipos míticos que se repetem na literatura, é um

ser de seu tempo histórico. Dessa forma, a literatura de R. G. Dicke se torna o campo do encontro dessas categorias: o espaço, o ser e o tempo nas dimensões histórica, cultural e literária. Seus romances são a expressão consciente de uma literatura refletora do local, ou melhor, do espaço regional – sua história, sua cultura, mas que não se detém em reescrever a história passada.

A ficção dickeana realiza esse processo criativo na travessia do mítico ao histórico, do lógico-real ao imaginário, às vezes, ao fantástico. Tecendo a narrativa com os fios simbólicos, o autor vai descortinando o pensamento do homem mato-grossense, revelando as imagens herdadas e assimiladas, pelas quais esse homem representa o mundo a sua volta e com as quais guia as suas ações cotidianas. O imaginário profundo desse homem não é invencionice ficcional, mas ecoa o passado histórico, o mais distante e o mais recente, ainda sustentado pela mesma crença que se fez e se faz força mobilizadora da história local: a busca por uma terra “prometida” imaginária.

A criação dickeana é invenção mitopoética que, ao romper com a tipologia tradicional do romance, supera o tradicionalismo romântico-realista e, no tecido da linguagem e da escritura, estabelece um novo paradigma sem fronteiras na produção regional, tornando-se um marco temporal e, logicamente, histórico no contexto literário de Mato Grosso. Do imaginário das suas obras, pode se extrair tanto o inventário quanto a invenção acerca da temática regional.

Vários são os vestígios da história local constituída no imaginário peculiar ao território mato-grossense, os quais permanecem na memória coletiva que a literatura dickeana recompõe num trabalho criativo em que o diálogo com a história regional não suplanta o poder da ficção, mas o enriquece mais.

O sertão é a moldura e o conteúdo do retrato regional mato-grossense, esmeradamente trabalhados nos romances de Dicke. As formas ficcionais de inseri-lo nas narrativas demonstram a capacidade de devaneio imaginativo que ganha nova realidade nos romances, sobre um espaço conhecido e fixado na história literária local.

As narrativas de Dicke se pautam na movimentação constante dos personagens. Essa mobilidade nos enredos é metáfora do fluxo histórico das migrações na região. Seus personagens estão sempre indo e vindo, subindo e descendo serras, circulando morros ou atravessando matas e rios; espreitando, avançando ou recuando, numa transitividade dinâmica pelo território mato-grossense. O povoamento e a exploração da terra se deram, na história regional, pela chegada dos grupos de migrantes e de imigrantes investidores e pela entrada nos sertões desconhecidos. A terra e os habitantes locais, bem como os trabalhadores migrados, sofreram as violentas consequências do processo.

A literatura dickeana recupera, no processo de ficionalização, os lastros e os rastros dessa história local numa linguagem estruturadora de um imaginário singular, expresso em imagens, metáforas e símbolos que trazem ressonâncias de um passado recente, bem como de uma antiga ancestralidade. Nessa forma dialógica dos imaginários se assenta a regionalidade sem fronteiras da produção dickeana.

Nesse caminho prossegue a pesquisa empreendida.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- DICKE, Ricardo Guilherme. **Madona dos Páramos**. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: INL, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Conjunctio oppositorum no Grande Sertão**. Cuiabá: Conselho Estadual de Cultura, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Deus de Caim**. Rio de Janeiro: Edinova, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Caieira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Último horizonte**. São Paulo: Marco Zero, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A chave do abismo**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Cerimônias do esquecimento**. Cuiabá: EdUFMT, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Rio abaixo dos vaqueiros**. Cuiabá: Ricardo G. D., 2000a.
- \_\_\_\_\_. **O salário dos poetas**. Cuiabá: Lei Estadual de Incentivo a Cultura, 2000b.

DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e mitologia**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

FRYE, Northrop. **Fábulas de identidade**: estudos de mitologia poética. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Nova Alexandria, 2000.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Poesia e mito. In: SANTOS, D. O.; TURCHI, M. Z. (Org.) et al. **Encruzilhadas do imaginário**: ensaios de literatura e história. Goiânia: Cãnone, 2003.